

Pré-escola agora chega perto do berço

JOAQUIM DE CARVALHO

Todas as manhãs, cerca de 3,5 milhões de crianças brasileiras de dois a seis anos cumprem um rotina que, até bem pouco tempo atrás, era exclusiva de quem tinha mais de sete anos. Elas agora vão à escola. Com as indispensáveis mochilas ajeitadas às costas, os meninos e meninas são levadas por seus pais às 53 mil pré-escolas existentes no País e formam um grupo que alguns especialistas já chama de "geração escolar" — que vive e aprende mais com colegas e "tias" do que com os pais.

A explosão da pré-escola — facilmente percebida pela multiplicação acentuada dos estabelecimentos nos últimos dez anos — suscita uma polêmica que freqüenta as universidades, as clínicas de psicologia e, principalmente, os lares. "A primeira coisa que perguntamos quando vemos tanta criança indo para a pré-escola é no que vai resultar tudo isso", diz Cristina Stamatakis, 27 anos, mãe de Jean Wainer, garoto de seis anos que possui um currículo escolar que começa quase com o seu nascimento.

"Aos três meses, Jean foi para a escolinha, porque eu precisava estudar e meu ex-marido trabalhava", conta Cristina. "Não estou arrependida de colocar meu filho cedo na escola", assegura. Para Cristina, Jean obtém ganhos ao passar 12 horas diárias na pré-escola: "Ele é supercomunicativo e na escola fica livre de alguns vícios familiares, que tornam as crianças inseguras. "Jean, que já escreve

e lê, também aprendeu na pré-escola capoeira e dá trabalho durante as férias: "Ele quer voltar logo para a escola".

INDEPENDÊNCIA

O comerciante Flávio Túlio de Oliveira, que todos os dias às 17 horas vai buscar seu filho, Kim, de três anos, na escolinha Ibeji, no Alto de Pinheiros, aposta num futuro melhor para as crianças que desde cedo conhecem a educação escolar. "Eles ganham maior independência dos pais. Fazem amigos facilmente e acho que são felizes", acredita. Túlio de Oliveira tem uma filha, Daniela, que tem sete anos e foi para a escola ainda bebê. "Ela já viajou sozinha de avião", orgulha-se.

O empresário Maurício de Souza, criador de histórias em quadrinhos, vê na pré-escola um forte aliado da família. "É um exagero dizer que a escolinha vai acabar com a visão a que criança tem do pai e da mãe, de família enfim", diz, com a experiência de quem tem nove filhos e quatro netos, quase todos frutos da "geração escolar".

Mônica, a filha que inspirou o pai na criação do seu personagem mais conhecido da história em quadrinhos, foi para a escola aos cinco anos e, aos 28, segue a tradição de Maurício ao manter os filhos Marcos e Maria Carolina seis horas por dia numa pré-escola. "Vou prendê-los em casa com uma empregada ou qualquer outra pessoa adulta para quê? Para ficarem na frente da televisão? Eles vão para a escola e lá brincam com gente da sua idade. Não há nenhum trauma nisso."



Tiago e André na Ibeji: brincadeira também faz parte da jornada diária de 12 horas na pré-escola